

10.5.1983

Camponês não verga ante ameaças dos bandidos

* A história de Daniel Manhique que foi delegado ao 4.º Congresso

«Bateram-me, bateram-me, bateram-me até ficar inconsciente», conta ele. Pausadamente. A voz, embargando-se-lhe na garganta, ao recordar o dia em que, pela primeira vez no seu local de trabalho, numa das zonas em que está dividida a Empresa Estatal de Gado de Corte, a mais de uma centena de quilómetros do Chókwé, os bandidos armados fizeram a sua erupção. Para impedir os trabalhadores de produzir, como de resto os porta-vozes do grupo de criminosos se encarregariam de dizer, utilizando a única linguagem que conhecem, aprendida do vocabulário militar e político dos seus patrões sul-africanos: o terror. Sobre civis indefesos.

O testemunho vivo disso é Daniel Feijão Manhique, Secretário da Célula do Partido no bloco produtivo e um dos delegados pela Província de Gaza ao 4.º Congresso. A sua história, tal como a de tantos outros camponeses e outros cidadãos nacionais, põe em destaque o alto sentimento patriótico de tantos dos nossos concidadãos, diariamente confrontados com o perigo e a ameaça permanente sobre as suas vidas. E que, apesar dessas provocações, não vergam.

Num certo dia, no mês de Junho de 82, os trabalhadores da Zona 6 da Empresa Estatal de Gado de Corte, a cerca de cento e poucos quilómetros do Chókwé, entregavam-se, como habitualmente, à sua faina diária. Pastar o gado, pôr ordem nos currais, fazer o tratamento de eventuais feridas em alguns dos animais, abrir uma picada para a circulação dos tractores, construir cercados, preparar as cabeças para as enviar para abate nos matadouros do Chókwé e do Maputo, etc., não são necessariamente tarefas quotidianas, mas constituem uma parte do trabalho que se tem de executar na Zona 6 da Empresa Estatal de Gado de Corte.

E, nesse longo dia do ano transacto, não se fugia à regra e os trabalhadores lá estavam para o seu labor diário. Poder-se-ia até dizer que aquele seria par: eles um dia igual a tantos outros, na sua vida de trabalhadores do campo. Mas...

É verdade que sobre isso se contavam histórias. Aconteciam em outros lugares. Mas não ali. Até aquele dia. Histórias que narravam horrores de brutalidade, mutilações, cortes de orelhas nas mulheres, queimadas e destruição de equipamento, produtos alimentares e outros bens, assaltos a lojas, etc.

É verdade que, para alguns dos trabalhadores da Zona 6 da referida empresa agrícola, o que se contava, não eram factos distantes, nos quais se pensa, mas não se sente com a mesma intensidade senão quando vividos. Porque alguns desses trabalhadores tinham já sua experiência pessoal da guerra que o regime

racista de Pretória move contra o nosso País, através dos bandidos armados (pois é sobre este assunto que se relaciona o que estamos a contar) — experiência essa colhida em outras localidades. Em Chicualacuala, por exemplo. Como Daniel Feijão Manhique, de 47 anos, todos eles passados nas lides campestres, casado e pai de três fill os.

— Em Chicualacuala, sempre houve guerra (desde a independência). Primeiro foi o regime de Smith. Agora são os bandidos armados. A guerra são as pessoas lá não é novidade — sublinha Daniel Manhique, ao evocar o lugar onde nasceu e residiu até há poucos anos e que é uma das terras mocimbeanas que, ao longo destes últimos anos, tem sido um exemplo de resistência e heroísmo na defesa da Pátria.

Mas, naquele longínquo dia do mês de Junho do ano passado, na Zona 6 da Empresa Estatal de Gado de Corte, os trabalhadores, ocupados com os seus alzáeres, não pensavam nos bandidos armados.

Subitamente, porém, veio o alerta. Eles haviam chegado ao local. E, ameaçadoramente obrigavam os trabalhadores, um a um, a agrupar-se. Os bandidos, como sempre, não haviam escolhido um alvo militar e ali, à sua frente, apenas tinham civis desarmados, sob ameaça de morte, obrigados a interromper o seu labor. E deram continuidade à aplicação da sua sinistra missão.

— Eles disseram-nos se não sabíamos do aviso que tinham feito para ninguém trabalhar e, se sabíamos, por que é que não estávamos a cumprir — testemunha Daniel Manhique.

Entre nós, alguns responderam que ninguém sabia dessas coisas e que o que nos interessava era trabalhar para viver, pois se cruzássemos os braços a comida também não iria aparecer — prossegue ele, no seu depoimento.

— Então começaram a bater-nos. Pancada aqui, pancada ali, alguns dos meus companheiros começaram a gritar. Depois (os bandidos arma-

dos) quiseram saber quem era o «responsável». Respondi que era eu. Eles disseram: «Ah, então é você quem dá a política, você é que é o responsável da política». E começaram a agredir-me — conta ainda aquele camponês.

Neste passo do seu testemunho, a voz quebra-se-lhe e, dos olhos, desprende-se um brilho humedecido, deixando adivinhar uma carga de raiva e cólera.

— Bateram-me, bateram-me, bateram-me até eu ficar inconsciente — afirma ele, apontando para várias partes do corpo e para uma marca bem visível na cabeça. Ferido na sequência dos actos criminosos dos bandidos, cometidos sobre civis indefesos, Daniel Manhique e deixado inanimado no chão, tendo os seus companheiros se posto em fuga, só daria acordo de si na madrugada do dia seguinte, encharcado em sangue.

Posteriormente tratado no hospital das lesões que sofreu na cabeça, não se deu por vencido e voltou ao seu posto de trabalho.

— E: não podia abandonar o gado, que os bandidos deixaram a solta (outra parte roubaram) — justifica ele, a sua atitude.

O certo é que pegou em si e, depois de contactos com as FPLM, iniciou a procura das cabeças dispersas, viajando num tractor, que o próprio conduzia, depois da recusa de um companheiro, que temeu a ameaça de minas, e fazendo-se acompanhar por soldados.

A procura foi-se tornando frutífera, apesar das dificuldades provocadas pela presença dos bandidos armados na zona, obrigando os trabalhadores a paralisar o seu trabalho e a refugiar-se numa localidade próxima. Mas, alguns meses depois, numa tarde de Agosto, conduzindo o tractor, na sua persistente missão de recuperar o gado, houve um alerta: «Uma mina».

Quando desceram do tractor, para proceder à verificação, vários disparos fizeram com que dessem conta de que tinham sido emboscados pelos criminosos. Dois colegas seus morre-

ram, assassinados pelos bandidos. E o combate, que lhes foi dado pelos soldados das FPLM, levou os bandidos a retirarem-se. Mas Daniel Manhique, que nem arma tinha para se defender, foi ferido por uma bala, que lhe atingiu, lateral e ligeiramente, o abdómen.

Transportado primeiramente para o Chibuto e depois para o Chókwé, teve de novo que abraçar o leito do Hospital. Desta vez, por 15 dias. E ainda desta vez não se deu por vencido. Tinha que voltar.

— Não podia deixar o gado perder-se — insiste ele, convicto, na justificação da sua corajosa atitude.

Só que agora, na sequência da sua dramática experiência, um pensamento, uma reivindicação sai dos seus lábios com insistência: armas para que os actuais 43 trabalhadores da Zona 6, da Empresa Estatal de Gado de Corte, defendam as suas vidas e as 1.188 cabeças, que estão ao seu cuidado.

— Eles (os bandidos) estão armados. Nós somos civis e, quando nos atacam, não temos armas para nos defendermos — afirma Daniel Manhique, acrescentando que, se as receberem e tiverem milicianos, o trabalho produtivo não conhecerá problemas no bloco.

— Esta é a minha única preocupação — reitera.

— Medo? Não tenho, responde. Já estive em Chicualacuala, onde sempre tem havido guerra. Lutámos e muita gente se salvou. Eu posso lutar, enquanto procuro salvar a produção. Desde o momento que tenha armas — adianta ainda.

Delegado pela Província de Gaza ao 4.º Congresso, um dia antes de embarcar escapou de novo, sem ferimentos, a uma outra acção inimiga, quando se encontrava com a sua mulher e filhos, na sua residência, e esta foi cobardemente atacada, conjuntamente com outras habitações da zona.

Sobre o 4.º Congresso, considera que todas as decisões tomadas foram importantes, e que agora, ao regressar, irá transmiti-las aos seus colegas, principalmente, o que diz respeito ao trabalho agrícola. E, quanto à guerra, reitera que ele há-de acabar, salientando de novo que precisamos de armas para os trabalhadores.

Daniel Feijão Manhique, 47 anos, atirador, nada o conseguiu vergar.